

DOR SOCIAL E PERCEPÇÃO PARENTAL SOBRE PAIS DE CRIANÇAS COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR



<https://doi.org/10.56238/arev6n2-023>

Data de submissão: 02/09/2024

Data de publicação: 02/10/2024

Delma Donizete Silva Coli
UCP

Ana Lucia Mendes Teixeira
UNIVERSO e UNESA

Diogo Bonioli Alves Pereira
UFRJ

José Carlos Tavares da Silva
UNIGAMA

Luís Antônio Monteiro Campos
UCP e PUC

Thelma Mary Araujo de Oliveira
UNESA

RESUMO

Este estudo descreveu uma revisão integrativa da literatura sobre o impacto do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista no contexto família correlacionado a dor social familiar após o diagnóstico e as angústias do processo de inclusão escolar. Apresentando como objetivo geral, verificar a existência de um suporte necessário e suficiente para as crianças com TEA, para além do contexto familiar, e com o objetivo específico de proporcionar o convívio com pares da mesma faixa etária. A metodologia embasa em uma revisão integrativa da literatura, entre os períodos de 2019 a 2024 nas bases de dados Scielo, LILACS, PePsic e PsychInfo, com os descritores booleanos “percepção de pais autistas”, “pais de crianças autistas”, “inclusão escolar de crianças autistas” e “escolarização de crianças autistas”. Os resultados foram apresentados em três tópicos de discussão o primeiro tópico descreve sobre o impacto do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista, o segundo tópico apresenta sobre os processos de “dor social” e estreitamento de relações sociais diante das ações comportamentais dos filhos e o terceiro tópico apresenta a importância do processo de inclusão da criança com TEA no ambiente escolar. O artigo ressalta a necessidade de maiores pesquisas sobre o assunto abordado devido à dificuldade de encontrar maiores informações em contextos brasileiros.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Parentalidade. Dor Social e Inclusão Escolar.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista – TEA, é um transtorno do neurodesenvolvimento, multifatorial que apresenta alterações significativas nas interações sociais, reciprocidade social, padrões restritos e/ou repetitivos; comprometimento na linguagem e interesses incomuns. (APAS, 2023).

Seu diagnóstico deve ser apresentado desde a primeira infância para intervenções significativas no processo de desenvolvimento da criança, contudo a presença do diagnóstico causa impactos relevantes no ambiente familiar devido a diversas questões dentre elas destacam-se o processo de luto pela idealização do filho “perfeito” quanto às representações sociais (Santos, et al 2019).

O diagnóstico de TEA apresenta um grande impacto no contexto familiar, e a necessidade de suporte para os pais nesse momento é de muita importância, para que tanto eles quanto seus filhos se desenvolvam da melhor forma. (Rodrigues, et al 2021).

Infelizmente o processo de suporte familiar muitas das vezes não contempla a todos, temos uma instituição filantrópica espelhada pelo mundo desde 1983 com o nome de Associação de Amigos do Autista – AMA, contudo muitas famílias desconhecem ou não fazem parte dessa associação.

De acordo com a pesquisa realizada por Aguiar e Pondé (2020), na busca por estratégias de enfrentamento, os pais deixaram claro que precisam receber cuidados para cuidar de seus filhos e este é um aspecto importante a ser lembrado não só no momento do diagnóstico, mas durante todo o processo de cuidar dos indivíduos com TEA.

As famílias após o diagnóstico passam por várias fases, dentre elas destacam-se a busca pela negação, a “cura”, aceitação de parentes, dificuldade em manter o tratamento e principalmente as crenças atuais e crenças sobre perspectivas futuras devido a comportamentos diversificados do “padrão”. Para Kruger, 2018, as crenças adquiridas e elaboradas a partir das experiências pessoais durante a interação social repercutem de diversas formas nos demais processos cognitivos, na motivação, na afetividade e nas relações humanas.

Diante de todo o processo de diagnóstico e tratamento o ambiente escolar é outra referência importante para os pais de crianças com TEA. Após a busca incansável por tratamentos para o filho, surge também a necessidade de o integrar à sociedade, e isso poderia ser favorecido pela entrada do filho na escola. (Smeha e Cezar, 2011).

Contudo algumas vezes a família, por ausência de informação, ou por identificação de pares dentro do contexto familiar verbalizam a normalidade da situação, acabam não percebendo alguns atrasos de desenvolvimento, ou pensando que esse atraso não está acentuado de forma significativa, e é na escola que essas informações são passadas para início de um processo de investigação.

Em alguns momentos é na escola que os professores auxiliaram na identificação inicial de alterações comportamentais, o que motivou as famílias na procura por ajuda, possibilitando o diagnóstico precoce, bem como implicações positivas no prognóstico do transtorno e na vida das crianças e suas famílias. A articulação entre as instituições de ensino e de saúde com outros dispositivos de assistência à essa população é importante e necessária. (BONFIN, et al 2019).

A família precisa estar vinculada com a escola, para que possa apresentar resultados positivos diante o desenvolvimento da criança, em contrapartida a família também necessita de amparo da equipe de intervenção de seu filho para que possa ter ciência de suas potencialidades e limitações trabalhando de forma conjunta com todos para um melhor desenvolvimento.

2 MÉTODO

A presente pesquisa é uma revisão integrativa da literatura que teve como proposta apresentar a importância do convívio social de crianças com TEA no contexto escolar. Com o objetivo geral de verificar a existência de um suporte necessário e suficiente para as crianças com TEA, para além do contexto familiar, e com o objetivo específico de proporcionar o convívio com pares de faixas etárias próximas. Os presentes estudos apresentados foram publicados no Brasil entre 2019 a 2024, com o intuito de considerar o processo intercultural. O levantamento dos dados fora realizado nas bases de dados Scielo, LILACS, PePsic e PsychInfo com os descritores “percepção de pais autistas”, “pais de crianças autistas”, “inclusão escolar de crianças autistas” e “escolarização de crianças autistas” e operadores booleanos “AND”. Foram encontrados 250 artigos com os descritores, para realizar uma análise por título e posteriormente a leitura completa dos artigos. Foram excluídos da pesquisa artigos duplicados, artigos fora da nossa realidade cultural, teses, dissertações e artigos que não são de uso gratuito.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 PAIS DE FILHOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O processo de concepção de um filho é sempre algo muito esperado em muitas famílias, principalmente quando existe um planejamento para a vinda daquele ser tão esperado. Contudo a chegada de uma criança com TEA e suas implicações para o subsistema conjugal trazem consigo tanto estressores e fatores de risco à saúde do casal como, por exemplo: a sobrecarga de cuidados, os conflitos devido aos comportamentos característicos do transtorno, o isolamento, a falta de apoio social e de tempo sozinho com o parceiro e até mesmo, a situação socioeconômica; quanto fatores de

proteção, associados a comunicação e ao diálogo, a união, a divisão de tarefas, ao apoio do parceiro e as redes de amparo. (MACHADO, et al, 2022).

Considera-se então a importância de que o diagnóstico ocorra como um processo e não de maneira pontual e que as informações a respeito do TEA sejam oferecidas de forma clara, em linguagem simples e concreta, permitindo aos pais uma maior assimilação do conteúdo recebido. O esclarecimento sobre o TEA ajuda as famílias a compreender melhor o transtorno e a se organizar diante das dificuldades enfrentadas no cotidiano. (FEITOSA e SALOMÃO, 2023).

Devido a todo o processo de reformulação familiar, o fato de o convívio inicial da criança com TEA exigir maior dedicação aos filhos, proporcionando as vezes a uma sobrecarga emocional e física dos demais membros, em especial a mãe. (FONSECA, et al, 2019).

Estudos apontam que os desafios encontrados nas vivências de mulheres cujo filho apresenta o diagnóstico de TEA geram uma série de mudanças em suas vidas. (FARO, et al, 2019).

As mães que acolhem a diferença de seus filhos, apesar das suas expectativas de maternidades quebradas, constroem subjetivamente novas relações com eles para tornar possível essa vivência. Cuidar de uma criança com autismo é uma atuação complexa e permeada de contradições, mas é também o lidar com eles em seus cotidianos que permite a construção do lugar subjetivo de “mães de autistas”. Lidar no cotidiano significa acompanhar o desenvolvimento “atípico” de seus filhos, aprender com eles que o tempo de espera “dos marcos de desenvolvimento” é outro, que as formas de se comunicar são diversas. (FREITAS e GAUDENZI, 2022)

De ante mão a capacitação dos serviços de saúde e dos profissionais para atender as demandas do TEA, investigando as crenças parentais e os fatores que com elas se relacionam, pode promover maior qualidade de vida às famílias e intervenções mais eficazes. Nesse cenário, é possível auxiliar as famílias a significar o diagnóstico do filho e reformular suas crenças e expectativas acerca da criança e acerca de seu papel enquanto pais. (FEITOSA e SALOMÃO, 2023).

Tendo em vista, que tais famílias também apresentam aspectos positivos após a descoberta do transtorno, se unindo e se reestruturando para adaptar-se às necessidades da criança com autismo. (RODRIGUES, et al 2020).

Estudos recentes abordam uma melhor adaptação dos pais ao diagnóstico dos filhos com TEA, por meio da presença de expectativas positivas relacionadas à criança e da crença de que os filhos podem ter boa qualidade de vida, desenvolver habilidades acadêmicas e maior autonomia. (FEITOSA E SALOMÃO, 2023).

3.2 DOR SOCIAL DE PAIS COM FILHOS COM TEA

Os seres humanos são seres que vivem sempre num contexto social. Para Canaipa (2014), existe um longo período de dependência em relação aos progenitores justificando a necessidade e importância de mecanismos biológicos no sentido da manutenção das ligações sociais.

Baseados no pressuposto da importância das relações sociais, Eisenberger, Lieberman e Williams (2003) propõem a existência da “dor social”, conceito esse que se refere ao sofrimento que decorre da perda ou ameaça na integridade das relações sociais significativas.

As relações sociais são alteradas quando demandas familiares são prioridades. O cotidiano das famílias com filhos com TEA é extremamente cansativo, principalmente para as mães que trazem cuidado com as crianças com TEA como prioridade. As mães dedicam-se integralmente a esses cuidados, percorrendo longas trajetórias atrás de diagnósticos e tratamentos, peregrinando pelos serviços de saúde, resultando em escassez de tempo para atividades de autocuidado, profissionais, sociais e de lazer. Como consequência dessa dedicação integral, os estudos apontam a sobrecarga emocional com o enfretamento dessa fase. (PINTO e CONSTANTINIDIS, 2020).

Diante do contexto de comportamentos divergentes em cada criança, tais como estereotípias motoras, ecolalias e as vezes ausência total da oralidade, a família se apresenta em constante angústia e desespero. O TEA ocasiona importantes influências nas relações familiares e sociais, dado que logo após o diagnóstico surgem as dificuldades de como lidar com os sintomas e a insuficiência de serviços de saúde, educação e lazer. (FONSECA, et al, 2019).

Lidar no cotidiano com as singularidades dos filhos com TEA é também experimentar um cotidiano que se apresenta muitas vezes como violento. Tanto as crianças quanto seus familiares estão inseridos em um ambiente que não é preparado para suas formas de estar na vida e infelizmente recolhem os efeitos do estigma e do preconceito oriundos de suas performances atípicas. (FREITAS e GAUDENZI, 2022)

A falta de acolhimento às diferenças das crianças com TEA, os olhares indiscretos e as mais diversas situações preconceituosas tendem a provocar nas famílias a evitação do convívio social. Estudos de Zanatta, et al (2014), apontou em sua pesquisa exploratória com mãe de crianças com TEA relatam que na tentativa de pouparem seus filhos de olhares curiosos, de preconceitos e falta de compreensão diante a um comportamento divergente “crise”, preferem ficar restritas a seus lares com ausência de lazer. Essa ação é destacada como um ponto importante de identificação entre as mães e as mobiliza a se reunirem e a ajudarem outras mães. (FREITAS e GAUDENZI, 2022)

Os olhares sociais se evidenciam em situações que são fora do contexto vivenciados por cada indivíduo. Na presença de toda complexidade e do momento de fragilidade, a relação entre esses pais

e mães e seus filhos diagnosticados com TEA inicialmente caracterizou-se por sentimentos de esgotamento, solidão, desamparo e vulnerabilidade. (FADDA e CURY, 2019).

Devido ao processo de representação da dor social percebe-se como fundamental a promoção de reflexões e propagação de informações sobre o autismo na sociedade a fim de se fazer conhecer o transtorno e suas particularidades para, então, estimular a compreensão da comunidade no intuito de combater o preconceito, que afeta a pessoa com TEA e a sua família. (DIAS, et al, 2021)

3.3 CRIANÇAS COM TEA NAS ESCOLAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS

O processo educacional é uma das vias mais importante para as relações de aprendizagem formal e aprendizagem social. Contudo embora a inclusão escolar no Brasil apresente amparo legal com políticas nacionais para inclusão, as vivências acadêmicas ainda são fatores angustiantes para muitas famílias de crianças com TEA.

A escola, é praticamente o único local a dar apoio social de forma contínua e diária as crianças com TEA, é nesse espaço que as crianças irão conviver com pares em idades similares e se desenvolverem. Muitos progenitores procuram uma escola na qual eles percebessem um compromisso com o desenvolvimento do filho e respeito por parte dos funcionários. (FADDA e CURY, 2019).

A importância que a família tem na participação escolar está relacionada à contribuição da formação do desenvolvimento educacional de seus filhos. A família precisa mostrar interesse e valorizar o que o aluno produz. É possível notar que no dia a dia do trabalho do professor, quando há um apoio, uma atenção direcionada à necessidade de cada criança, a aprendizagem acontece de forma mais assertiva. Uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo o aluno. (LOPES e TELASKA, 2022).

O processo de inclusão não é beneficiário somente para as pessoas que estão sendo incluídas, mas para todos que estejam ao redor. Para Lemos, et al (2020), entendem-se os benefícios da inclusão escolar tanto em termos da criança atípica, como das demais crianças, que desenvolvem habilidades relativas à tolerância, respeito e empatia por meio das vivências escolares.

Contudo além de lacunas no conhecimento de familiares e profissionais sobre as formas de inclusão da criança com TEA na escola, necessitando de maior capacitação profissional para o suporte necessário à família, é garantia da aprendizagem e bem-estar dessas crianças. Portanto, faz-se necessário o diálogo, a busca por capacitação adequada e possíveis reformas curriculares na graduação, vislumbrando a melhora e conscientização gradual da sociedade, em especial, de profissionais estes, a fim de prover discussões, impulsionar debates e facilitar o relacionamento entre a escola-família. (VASCONSELLOS, et al, 2021).

Ressalta-se a importância de investigação sobre a ação dos professores com alunos com TEA no processo de inclusão. Para Oliveira (2021), pesquisa realizada no município de São Paulo apontou a necessidade de conhecimento teórico por parte dos educadores sobre características do TEA; falta de informação sobre o aprimoramento das práticas pedagógicas para adequá-las ao aluno; e falta de atividades específicas de cada disciplina para que o aluno com TEA tenha maior absorção de conteúdo.

A falta de informação sobre a etiologia do Transtorno do Espectro Autista e seus atributos diários no decorrer do ambiente levam o professor as dúvidas do que fazer e como agir. Diante disso constatou-se que há impasses na rotina escolar, devido a carência de formação adequada dos professores e ademais profissionais, causando sentimento de impotência ou falta de entendimento quanto as características comportamentais dessas crianças que, às vezes são estereotipadas apenas quanto aos seus aspectos negativos, o que dificulta o aprendizado e desenvolvimento infantil. (VASCONSELLOS, et al, 2021).

Entretanto compreende-se que as dificuldades impostas pelo TEA não se configuram necessariamente em limitações que impedem plenamente as interações. Embora não seja possível estabelecer correlações entre os comportamentos e os contextos, destaca-se a importância de analisar as interações sociais nesses cenários, verificando a participação das crianças com TEA e de seus pares, considerando o contexto, o tipo de atividade, a mediação dos professores e as influências mútuas a partir do conceito de bidirecionalidade. (LEMOS, et al, 2020).

No cenário brasileiro, a maior dificuldade para inclusão de crianças com TEA, segundo os professores, é falta de formação especializada. Ainda que o acolhimento desses alunos em sala de aula seja menos angustiante para o professor quando a criança não possui problemas de aprendizagem e/ou comportamentos agressivos, de acordo com professores, o maior problema da inclusão não diz respeito à impossibilidade de manter o aluno com TEA na escola regular e sim a necessidade de os professores estarem preparados para recebê-los. (Ponce e Abrão, 2019)

Mesmo diante a tantas variáveis o professor passa a aliar-se à aprendizagem dos alunos, facilitando assim o engajamento do aluno com TEA na rotina da turma e no seu desenvolvimento integral. Weizenmann, et al (2020), apresentou em sua pesquisa que os primeiros sentimentos que prevaleceram nos professores, após receber um aluno com TEA em sua turma, foi o medo e a insegurança. Porém, após o período de adaptação do aluno e a construção de vínculos, este sentimento foi substituído, gradativamente, pelos afetos positivos e pela prática pedagógica construída de maneira individualizada e singular.

É fundamental que o fazer educativo esteja pautado na singularidade do aluno, de modo que o professor respeite suas dificuldades sem, no entanto, ficar preso a elas, pois, no contexto da inclusão,

o professor deve ter um olhar de potenciais a serem desenvolvidos. Sua postura deve visar a emancipação do sujeito e de seu desejo, o que só é possível a partir de uma rejeição às idealizações pedagógicas e de uma disponibilidade para encontrar algo diferente do que pregam as metáforas criadas para se referir ao TEA, porque partindo desse princípio será negado ao aluno a possibilidade de construção de vínculos, expressão de sentimentos e apreensão da realidade. (PONCE e ABRÃO, 2019).

Alguns familiares após o processo de diagnóstico recebem a sugestão do profissional da área da saúde para colocar a criança em ambientes escolares, para que essa criança possa ampliar seu repertório além do convívio familiar e perceber ao seu redor, auxiliando no seu processo de desenvolvimento. As atitudes sociais apresentam componentes cognitivo, afetivo e comportamental, o que sugere multideterminação na sua formação, pois cada indivíduo tem a sua percepção em relação ao ambiente. (BENITEZ, et al, 2021).

Por mais desafiador que seja a entrada de um aluno com TEA no ambiente escolar, independentemente de suas limitações, há um pleno reconhecimento de que a inclusão é um caminho favorável que possibilita a diminuição do preconceito e de práticas de exclusão social; apesar disso, fica evidente que o reconhecimento da importância da inclusão, por si só não é capaz de romper com antigos paradigmas que tendem a promover resistências frente a esta nova realidade. (PONCE e ABRÃO, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transtorno do espectro autista é um transtorno do neurodesenvolvimento com comprometimento multifatorial que afetam processos de interação social, linguagem e comportamentos diversificados. (APAS, 2023).

Por se tratar de um transtorno com comprometimentos significativos do desenvolvimento do indivíduo, a representação social é vista de forma imediata pela ausência de informações ou por comportamentos extremamente intensos, tais como não cumprimentar quando um conhecido interage com a criança, crises por excesso de estímulos sensoriais tais como luz e ou sons, fazendo com que as famílias fiquem alerta para essas informações e comecem a buscar ajuda.

O processo de avaliação e diagnóstico trás para muitos familiares angústia e frustração diante de vários sonhos e expectativas, a desmistificação do filho ideal, a necessidade de processo de luto e busca por tratamento especializado.

O diagnóstico parece ser um norteador para o familiar, que, até então, pode sentir-se à deriva com suas experiências e alienado quanto às suas ações. O diagnóstico psicopatológico é um lugar que

as vivências dos familiares passam a ocupar, podendo ser referido com um nome. Deixa a categoria de inominável para a concretude de um código a ser compartilhado, dando garantia de doença àquilo que vivenciam na relação com a criança. Assim, o diagnóstico não é só necessidade de profissionais, que muitas vezes se furtam da tarefa de conversar sobre o tema com a família, mas também dos familiares. (CONSTANTINIDIS et al, 2018)

Contudo a presença do diagnóstico traz um processo de vastos cansaços e fadiga devido as questões de conciliação de trabalho, terapias, escola e família. Muitas famílias que não conseguem contar com rede de apoio acabam se sobrecarregando ou dividindo as tarefas em partes não igualitárias a todos, tais como o pai responsável pelo financeiro e a mãe por promover as outras atribuições referentes a criança e ao lar. Vilanova, et al (2022) em seu estudo apontou sobrecarga materna no cuidado de crianças com TEA.

Diante da sobrecarga e das limitações das crianças as famílias passam a não frequentar mais as relações sociais que frequentavam anteriormente devido a diversos fatores que podem estar correlacionado a vergonhas por comportamentos divergentes do filho, preocupação com o que os outros irão dizer em um momento de crise, até mesmo pela hipersensibilidade da criança referente aos estímulos sensoriais. A ausência de rede de apoio e suporte social à família, especialmente à cuidadora, pode gerar quadros complexos de isolamento social, sobrecarga, estresse e dificuldades em observar aspectos infantis positivos. (FEIOTOSA e SALOMÃO, 2023).

Diante desse contexto muitas famílias acabam isolando e mantendo seus filhos isolados de forma que apresentam receios em coloca-los em um ambiente acadêmico para que a criança possa desenvolver com pares de faixa etária similares.

Contudo a escola, após as referências familiares é a segunda porta de entrada entre a criança e seus contextos sociais, mesmo com limitações as crianças aprendem pela imitação de pares com idades similares e a escola é a porta de entrada para essa interação.

Mesmo com as leis de inclusão e o processo de atendimento educacional especializado, alguns professores ainda verbalizam ausência de informações e materiais para as crianças com TEA. Contudo pesquisas pontuam que a família em conjunto com a escola auxilia no processo de desenvolvimento dessas crianças. A família enquanto primeira instância de ordem social, conhece como a criança se desenvolva e ao iniciar na vida escolar traz consigo o conhecimento obtido em sua convivência familiar e social, na escola será mostrado os caminhos para desenvolver suas habilidades. (SILVA e ENGELBRECHT, 2019).

Diante do contexto a referida revisão integrativa de literatura a referida pesquisa apresentou informações importantes para que os pais possam permitir a inserção de seus filhos no ambiente

escolar, acompanhando de forma contínua e gradativa o seu desenvolvimento. A pesquisa apresentou a necessidade de melhores capacitações de docentes para melhor atendimento e formação das crianças com TEA, deixando explanado a necessidade de maiores pesquisas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. C. M. DE .; PONDÉ, M. P.. AUTISM: IMPACT OF THE DIAGNOSIS IN THE PARENTS. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 69, n. 3, p. 149–155, jul. 2020.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM- 5-TR*. Porto Alegre: Artmed. (2023)
- ARGENTA ZANATTA, E.; MENEGAZZO, E.; NOEREMBERG GUIMARÃES, A.; FERRAZ, L.; CORSO DA MOTTA, M. da G. COTIDIANO DE FAMÍLIAS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO INFANTIL. *Revista Baiana de Enfermagem*, [S. l.], v. 28, n. 3, 2014. DOI: 10.18471/rbe.v28i3.10451. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10451>. Acesso em: 16 /06/2024.
- BENITEZ, P. et al.. ATITUDES SOCIAIS DE AGENTES EDUCACIONAIS EM RELAÇÃO À INCLUSÃO E À FORMAÇÃO EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 27, p. e0125, 2021. Acesso em: 15/05/2024.
- BONFIM, T. DE A. et al.. FAMILY EXPERIENCES IN DISCOVERING AUTISM SPECTRUM DISORDER: IMPLICATIONS FOR FAMILY NURSING. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, p. e20190489, 2020. Acesso em: 16 /06/2024.
- CANAIPA, R. (2014). O PROCESSAMENTO DA DOR FÍSICA E DA DOR SOCIAL. *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (Repositórios Científicos)*. <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2014.8943>. Acesso em: 14/06/2024.
- CONSTANTINIDIS, T. C.; SILVA, L. C. DA .; RIBEIRO, M. C. C.. “TODO MUNDO QUER TER UM FILHO PERFEITO”: VIVÊNCIAS DE MÃES DE CRIANÇAS COM AUTISMO. *Psico-USF*, v. 23, n. 1, p. 47–58, jan. 2018. Acesso em: 14/06/2024.
- DIAS, C. C. V. et al.. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O AUTISMO ELABORADAS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Psico-USF*, v. 26, n. 4, p. 631–643, out. 2021. Acesso em 10/06/2024.
- EISENBERGER, N. I. (2003). DOES REJECTION HURT? AN FMRI STUDY OF SOCIAL EXCLUSION. *Science*, 302(5643), 290–292. doi:10.1126/science.1089134. Acesso em: 15/06/24.
- FADDA, G. M.; CURY, V. E. A EXPERIÊNCIA DE MÃES E PAIS NO RELACIONAMENTO COM O FILHO DIAGNOSTICADO COM AUTISMO. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, n. spe, p. e35nspe2, 2019. Acesso em: 15/06/24.
- FARO, K. C. A., SANTOS, R. B., BOSA, C. A., WAGNER, A., & SILVA, S. S. da C. (2019). AUTISMO E MÃES COM E SEM ESTRESSE: ANÁLISE DA SOBRECARGA MATERNA E DO SUPORTE FAMILIAR. *Psico*, 50(2), e30080. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.30080>. Acesso em 10/06/2024.
- FEITOSA, G. G; e SALOMÃO, N. M. R. CRENÇAS PARENTAIS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. v. 16 n. 2 (2023): Edição 16(2) da Gerais: *Revista Interinstitucional em Psicologia*. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/gerais/article/view/52014>. Acesso em 01/06/2024.

FONSECA, Larissa Kathlem Rodrigues. et al. INFLUÊNCIAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS RELAÇÕES FAMILIARES: REVISÃO SISTEMÁTICA. Revista baiana de saúde pública. v. 43, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2019.v43.n2.a2983>. Acesso em: 03/05/2024.

FREITAS, B. M. S.; GAUDENZI, P. “NÓS, MÃES DE AUTISTAS”: ENTRE O SABER DA EXPERIÊNCIA E AS MEMÓRIAS COLETIVAS EM VÍDEOS NO YOUTUBE. Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, n. 4, p. 1595–1604, abr. 2022. Acesso em: 10/06/2024.

LOPES, Daniele Ardigo; TELASKA, Tatielle dos Santos. INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. Rev. psicopedag., São Paulo , v. 39, n. 120, p. 425-434, dez. 2022 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862022000300012&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 16/06/2024. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220040>.

LE MOS, E. L. DE M. D.; NUNES, L. DE L.; SALOMÃO, N. M. R.. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E INTERAÇÕES ESCOLARES: SALA DE AULA E PÁTIO. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 26, n. 1, p. 69–84, jan. 2020. Acesso em: 10/06/2024.

MACHADO, N. M., DA SILVA, Á. R. I., & PORTES, J. R. M. (2022). ESTRESSE PARENTAL E RELACIONAMENTO CONJUGAL EM PAIS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA. Contextos Clínicos, 15(1), 248-273. doi:10.4013/cte.2022.151.12. Acesso em 16/06/2024.

OLIVEIRA, Leticia Dal P. Dal S. de et al. Psicol. educ., São Paulo, n. 52, p. 74-85, jun. 2021 Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752021000100008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 16/06/2024. <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2021i52p74-85>.

PINTO, Alinne Souza; CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid. REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE A VIVÊNCIA DE MÃES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA. Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande , v. 12, n. 2, p. 89-103, jun. 2020 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2020000200007&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 16/06/2024. <https://doi.org/10.20435/pssa.v0i0.799>.

PONCE, Joice Otávio; ABRAO, Jorge Luís Ferreira. AUTISMO E INCLUSÃO NO ENSINO REGULAR: O OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE ESSE PROCESSO. Estilos clin., São Paulo, v. 24, n. 2, p. 342-357, ago.2019 Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000200014&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 16/06/2024. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v00i0p342-357>.

KRUGER, H. PSICOLOGIA SOCIAL DAS CRENÇAS. Curitiba, CRV, 2018.

RODRIGUES, Daniella Alves; SANTOS, Kassiane Lins dos; ALBUQUERQUE, Thalya Maria Nunes; ARAÚJO, Luzia Mirely Silva de. OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO NO CONTEXTO FAMILIAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. Gep News, [S. l.], v. 2,

n. 2, p. 66–75, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/12275>. Acesso em: 5/05/ 2024.

SILVA, Josiane Marcela Andrade e ENGELBRECHT, Marize Rauber. EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: INTERAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA | Special education in inclusive perspective: interaction between school and family. v. 19 n. 1 (2019): Revista Libertas - ISSN: 1980-8518 (jan. jul. 2019). Acesso em: 5/05/ 2024.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A VIVÊNCIA DA MATERNIDADE DE MÃES DE CRIANÇAS COM AUTISMO. Psicologia em Estudo, v. 16, n. 1, p. 43–50, mar. 2011. Acesso em: 15/06/24.

VASCONCELLOS, Rayssa & SOUZA, Maria & PEREIRA, Juliana. (2021). O AUTISMO INFANTIL NO ÂMBITO ESCOLAR E SUAS ABORDAGENS (EX)INCLUSIVAS: REVISÃO INTEGRATIVA. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 13. e6933. 10.25248/reas.e 6933.2021. Acesso: 10/06/24.

VILANOVA, J. R. S. et al.. BURDEN OF MOTHERS OF CHILDREN DIAGNOSED WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: MIXED METHOD STUDY. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 43, p. e20210077, 2022. Acesso: 10/06/24.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B.. INCLUSÃO ESCOLAR E AUTISMO: SENTIMENTOS E PRÁTICAS DOCENTES. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, p. e217841, 2020. Acesso: 10/06/24.